

75.^a Aniversário

A REVOLTA DOS MARINHEIROS DE 1936

GISELA SANTOS DE OLIVEIRA



**Apresentação do livro a cargo do historiador Pedro Ventura,
com o testemunho presencial do último tarrafalista,
o Comendador da Ordem da Liberdade, José Barata.**

17 de Setembro - 16.00h – Galeria de Exposições Augusto Cabrita

Colaboração do Clube de Praças da Armada e Associação de Praças da Armada.

Biblioteca Municipal do Seixal
Tel.: 210 976 100
E-mail: sic@cm-seixal.pt

«Este livro da Gisela Santos de Oliveira analisa as especificidades da revolta dos marinheiros portugueses em 1936, segundo um interessante estudo de contexto. (...)

Como classificar a revolta dos marinheiros portugueses de 1936? Esta investigação, graças a uma eficiente combinação de fontes escritas e orais, consegue concluir que, tal como noutras marinhas, a vida dos marinheiros portugueses é dura, os oficiais prepotentes, o rancho duvidoso e o vestuário inadequado para os diferentes climas do império. Também resgata para a História acções de resistência, cujo único suporte era a memória dos protagonistas; estes relatam como, em certas ocasiões, os marinheiros se negavam a comer ou a efectuar trabalhos perigosos em alto mar.

Os testemunhos de marinheiros indicam que teria existido uma relativa liberdade na Marinha salazarista. Em 1932 falava-se de política a bordo e empreendia-se a Organização Revolucionária da Armada (ORA), na esfera do Partido Comunista, mas sem participação de civis.

O importante grupo de marinheiros oposto ao regime salazarista é estudado através do periódico O Marinheiro Vermelho, órgão das células do Partido Comunista Português na Marinha de Guerra, que alcançará uma tiragem de 1500 exemplares. Os seus artigos permitem medir o pulso de uma época: debate-se a ascensão do fascismo; do perigo de “ser carne para canhão” numa “guerra imperialista”; da igualdade entre oficiais e soldados na URSS. O periódico evoca também a vida na marinha denunciando o mau rancho, os baixos salários, as humilhações e reivindica igualdade de direitos na Armada, especialmente no respeitante ao direito à educação. Depois do “pronunciamento” espanhol, Salazar prepara acções militares para apoiá-lo, o que implica a perseguição dos marinheiros revolucionários. A revolta dos marinheiros portugueses é uma reacção, talvez desesperada, contra a repressão vigente e também contra a intervenção militar portuguesa a favor de Franco. A sua motivação é, sem dúvida, a luta pela democracia.»

Jorge Magasich, Doutor em História pela Université Libre de Bruxelles e professor de História da América Latina e da Problemática Norte/Sul no Institut des Hautes Études des Communications Sociales em Bruxelas, no prefácio de A revolta dos marinheiros de 1936

«O motivo que levou à revolta de 8 de Setembro não seria o de entregar os navios a Espanha, como foi largamente difundido na época, quer pelo regime, que pela imprensa, mas sim obrigar o governo a reintegrar 17 camaradas, expulsos da Marinha de Guerra na sequência de uma viagem a Espanha por se terem mostrado favoráveis à causa republicana. Por detrás deste motivo mais imediato estariam também outras razões, como as más condições de vida a bordo e a perseguição de que eram alvo os membros “subversivos” da Marinha e da ORA (Organização Revolucionária da Armada), organização ligada ao Partido Comunista. Não se podendo tampouco ignorar o contexto internacional de afirmação dos regimes totalitários fascistas e, por outro lado, a consolidação da URSS, bem como a Guerra Civil de Espanha e as suas repercussões em Portugal.»

Nota biográfica

Gisela Santos de Oliveira, nascida em Lisboa a 24 de Junho de 1982, fez a sua formação académica do ensino secundário em Almada – escolas secundárias D. António da Costa e Anselmo de Andrade. Em 2005 concluiu a licenciatura em Jornalismo na Escola Superior de Comunicação Social (ESCS) em Lisboa, tendo neste âmbito frequentado, como bolseira Erasmus, o Institut des Hautes Études des Communications Sociales (IHECS) em Bruxelas – ano lectivo de 2004-2005. Em 2006 estagiou na Direcção-Geral da Comunicação do Parlamento Europeu em Bruxelas. Actualmente reside em Bruxelas, onde exerce funções de imprensa e comunicação numa instituição europeia.